

Para uma crítica do crescimento e do decrescimento econômico¹

Denis Collin

Num artigo publicado no ano passado, consagrado ao debate do crescimento econômico/decrescimento econômico, numa tentativa de clarificação tinha proposto situar a discussão num outro plano.

Assim, à partir de conclusões anteriores, proponho agora um retorno a Marx. Partirei hoje dum curto texto de Massimo Bontepelli e Marino Badiale, « Marx e la decrescita » (Marx e o decrescimento econômico), publicado em abril de 2010 em Trieste sob a marca « Abiblio ». Os dois autores explicitam o propósito deles no sub-título : “Porque o decrescimento econômico precisa do pensamento de Marx”.

O projeto de encontrar pontos de acordo entre amigos de Marx e partidários do decrescimento econômico não é antipático, pois tanto uns como outros estão em busca dos caminhos duma crítica radical da ordem existente. Não é seguro que esta aproximação não venha a pôr bases sobre alguns equívocos, sobretudo quando sabemos quanto rejeitar Marx é quase um princípio primeiro para a maioria dos teóricos do decrescimento econômico. Porque finalmente a palavra de ordem de Serge Latouche, o guru do decrescimento econômico, é muito simplesmente: « Esquecer Marx ».

Vejamos como Bontepelli e Badiale se arranjam. Eles partem da ideia perfeitamente justificada duma «distinção entre bens de uso dum lado e mercadorias do outro », donde vão tirar que não há « a partir duma base teórica nenhuma relação necessária entre o aumento quantitativo de mercadorias, difusão do bem estar e progresso da sabedoria ». O que necessita uma precisão, pois os nossos dois autores opondo acumulação de mercadorias ao bem estar e à sabedoria, que é uma oposição clássica, tão velha como a filosofia, fazem uma afirmação : podemos viver bem sem viver na opulência, e o saber vale mais que a riqueza material.

Pessoalmente estou pronto a partilhar estes a-priori morais (ou éticos), mas sou perfeitamente incapaz de fazer deles um princípio político: a partir de que momento o bem-estar se torna em opulência supérflua ? Cada um de nós vê as coisas à sua maneira e um epicurista pensando que podemos viver bem com água fresca, pão rústico e um pedaço de queijo, poderá considerar que o amador de cozinha toscana ou de vinhos de Borgonha já está resvalando uma vertente perigosa. Estou pronto a sustentar que há mais alegria verdadeira estudando Espinosa que em todos os prazeres oferecidos pela nossa sociedade, mas não me imagino convertendo todos os meus cidadãos ao estudo da « Ética »...

Creio ser melhor ficar no terreno de Marx. O « Capital » começa por esta afirmação que deveria fazer-nos refletir : a riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista se anuncia como uma « imensa acumulação de mercadorias ».

O facto que a riqueza tome a aparência duma « imensa acumulação de mercadorias » é coisa própria à sociedades cujo modo de produção dominante é o modo de

¹ Tradução de Antônio Pereira Nunes e revisado por Lucile Chérél.

produção capitalista. Mas isso não é uma lei geral ! Mesmo numa sociedade capitalista não é verdade pois todos nós nos beneficiamos de riquezas materiais não mercantis: o Sol, a chuva, a beleza das paisagens, a fertilidade dos solos, e também tudo o mais que escapa ao sistema mercantil, o produto dos jardins familiares, as refeições confeccionadas em família ou entre amigos, e todo o setor ainda muito vasto dos serviços públicos não mercantis.

O capitalismo é o sistema de valorização em forma de capital e toda a dinâmica capitalista anda à volta dessa necessidade. Justamente por essa razão o primeiro imperativo é o da acumulação, ilimitada tanto quanto possível. Este deve produzir cada vez mais mercadorias para em seguida as transformar em capital. Por essa razão é preciso transformar toda a riqueza em mercadoria. Uma mercadoria, ainda nos diz Marx, é uma coisa « metafísica », que tem uma natureza dupla. Em tanto que coisa concreta, é o produto dum trabalho concreto e tem um valor de uso que depende das suas qualidades físicas e deve corresponder a uma necessidade humana. Mas o capital não leva em conta o valor de uso. O que lhe interessa, é o valor, como uma coagulação do trabalho abstrato. É por isso que pode muito bem acontecer (e acontece muitas vezes) que a passagem de certos bens em forma de mercadoria é acompanhada dum degradação do valor de uso: a comida industrial não tem o mesmo valor de uso que os pratinhos confeccionados em casa, e as porcarias que se vendem no IKA nada têm a ver com o mobiliário artesanal dos nossos avós e bisavós. Do ponto de vista do PIB, quer dizer do "crescimento económico", os pratos feitos-em-casa valem zero enquanto a alimentação industrial é hoje um dos principais setores da produção capitalista.

Para que a acumulação continue é preciso realizar o valor das mercadorias produzidas.

Aqui a realidade vem lembrar aos idealistas do mundo do valor. Para que uma mercadoria seja uma mercadoria, é preciso que ela seja trabalho acumulado, mas também é preciso que ela encontre uma necessidade (saúdável!). Portanto a mercadoria paga terá que ser destruída para que a necessidade renasça. É por isso que o modo de produção capitalista é também um modo de destruição. A indústria informática é um excelente exemplo: tanto são programados a obsolescência acelerada das máquinas (sempre inventando novas utilizações e novos programas), como o seu uso físico: a atual longevidade média dum computador móvel é de 27 meses e a baixa qualidade dos componentes instalados é nisso a razão principal. Quanto aos eletrodomésticos, relativamente aos quais nem sequer podemos evocar a contrapartida do aumento fabuloso das suas proezas atuais, o tempo de vida deles diminuiu: vendedores de frigoríficos, lava-roupas, etc, dão 5 a 7 anos de vida a aparelhos que antigamente podiam prestar bons e leais serviços durante 20 ou 30 anos. Em setores onde a concorrência se fez também sobre a fiabilidade - como o automóvel - torna-se necessário recorrer a outras estratégias para obrigar o consumidor a renovar o seu bem, o mais conhecido sendo a destruição organizada por meios estatais graças a uma recompensa ao cliente contra envio do modelo mais antigo à sucata. Não é preciso ser um pensador reconvertido aos prazeres da frugalidade voluntária, para compreender que a riqueza material real não tem nenhuma

relação com a acumulação de mercadorias. Um infâme gozador intoxicado pela sociedade de consumo, preferira um frigorífico que vai durar mais tempo, para em seguida gastar seu dinheiro numa melhor qualidade no que nele vai manter fresco...

Quando abordo o problema do lado do consumo eu o faço com vistas propositadamente estreitas. É característico do modo de produção capitalista submeter ao imperativo categórico da produção pela produção, quer isto dizer, a acumulação do capital. Manter a taxa de lucro exige o aumento da mais-valia que por sua vez exige o aumento da produtividade do trabalho... a qual acabará a longo termo, de fazer baixar a taxa de lucro. As crises do capitalismo não aparecem como as crises das sociedades, das guerras, das catástrofes climáticas ou de epidemias, mas do aumento da riqueza material da sociedade. O mecanismo da produção/destruição bate aqui em cheio. O capital não pode prosseguir o seu ciclo sem revolucionar continuamente os modos de produção e assim tornando obsoletas ou destruindo frações cada vez maiores do capital constante.

É por isso que Marx é levado a dizer que o capital destrói as duas principais fontes da riqueza, a terra e o trabalho. E é por isso que ele está longe de ser um apologista do crescimento econômico como pensam aqueles que de Marx só leram os recortes de citações escolhidas, confeccionadas pelas organizações marxistas, à intenção dos seus adeptos. É, entre mil exemplos do mesmo gênero, isso: « Cada passo para o progresso da agricultura capitalista é um progresso não só na arte de explorar o trabalhador, mas também na arte de arruinar o solo; cada progresso na arte de aumentar a sua fertilidade por algum tempo, é um progresso da ruína das suas fontes duráveis de fertilidade. Quanto mais um país, como os Estados Unidos da América por exemplo, se desenvolve sobre as bases da grande indústria, tanto mais o processo de destruição se realiza rapidamente. A produção capitalista não desenvolve a técnica e o arranjo do processo de produção social sem esgotar ao mesmo tempo as fontes de onde emerge toda a riqueza.» (*Capital*, livro I, capítulo XV). Dedicaremos muito particularmente esta passagem aos eologistas e bovéistas² resolutamente antimarxistas, e aos marxistas que pensam que se deve apoiar os OGM³ pelo motivo do desenvolvimento das forças produtivas.

Assim, o crescimento econômico capitalista é isto. E, mais uma vez, este crescimento econômico deve ser cuidadosamente distinguido do aumento da riqueza material ou do aumento da produtividade do trabalho que poderia, numa sociedade não submetida à exchange mercantil, libertar os homens duma grande parte do trabalho não gratificante mas imposto pela necessidade, proporcionar um tempo livre que deixaria a cada um o lazer de desenvolver todas as potencialidades que estão nele.

Aliás, Bontepelli e Badiale não me dão impressão de estarem em franco desacordo com tudo isto, tanto mais quando eles precisam que a concepção do decrescimento econômico deles, nada tem que ver com um «projeto franciscano de renúncia à riqueza econômica». Mas fazem positivamente referência a La Touche, grande doador de lições de

² Alusão a José Bové líder ecologista francês.

³ Organismos Genéticamente Modificados.

moral que se permitiu publicar um artigo, para defender que se podia viver muito bem com 600€ por mês.⁴

No entanto, Bontepelli e Badiale compreendem bem, que muitas lutas parciais contra a degradação do meio ambiente podem apresentar numerosos limites (pensamos que se referem, por exemplo, ao movimento anti-TAV⁵ contra o projecto de TGV Lyon-Turin). É por isso que, para eles, « a perspectiva da crítica do desenvolvimento é a única que possa tornar coerente todas estas lutas, dando-lhes um valor e um sôpro gerais ». Não se percebe completamente a lógica desta conclusão. Tendo conta do estilo desbaratado, limitado e por vezes contraditório destas lutas « ambientais » poderer-se-á talvez deduzir que o terreno de discussão está noutro lado!

Os dois autores identificam correctamente a contradição fundamental do capitalismo, como uma contradição interna ao desenvolvimento do capital propriamente dito. Eles citam a passagem :

As condições da exploração do trabalho e da valorização não são as mesmas e diferem não só do ponto de vista do tempo e do lugar, mas nelas próprias. Uma são delimitadas exclusivamente pela força produtiva da sociedade, outras pela importância relativa dos diversos ramos da produção e o poder de consumo da massa. Quanto a esta última, ela depende não do que a sociedade pode produzir e consumir, mas da distribuição da riqueza, que tem tendência a trazer para um mínimo, variável entre bandas mais ou menos estreitas, o consumo da grande massa, por outro lado ela está limitada pela necessidade de acumulação, aumento do capital e a utilização de quantidades cada vez maiores de mais-valia. Ela obedece assim a uma lei que encontra a sua origem nas revoluções incessantes dos modos de produzir e a depreciação do capital que é a consequência disso, na concorrência geral e na necessidade, num fim de conservação e sob pena de ruína, de aperfeiçoamento e de estender sem cessar a produção. Também a sociedade capitalista deve aumentar continuamente as suas saídas e dar cada vez mais para condições que determinam e regulam o mercado, as aparências duma lei natural independente dos produtores e escapando ao controle, com a finalidade de mostrar menos aparente a contradição sua que a caracteriza. Só que, quanto mais a potência produtiva se desenvolve, tanto mais ela esbarra contra a base demasiado estreita do consumo, mesmo se do ponto de vista desta última, não existe qualquer contradição entre a coexistência dum glut de capital com um glut crescente da população. Pois bastaria ocupar o excesso de população com o excesso de capital para aumentar a quantidade de mais-valia ; mas da mesma maneira seria acentuado o conflito entre as condições nas quais a mais-valia é produzida e realizada. (Capital, livro III, cap. XV, um capítulo que dá lugar aos desenvolvimentos sobre a baixa tendencial da taxa de lucro).

Não se vê bem como como tirar desta passagem uma teoria do decrescimento econômico. Bontepelli e Badiale dão então do decrescimento econômico uma definição que lhes é própria :

A ideia do decrescimento econômico é a ideia da gradual substituição do consumo de mercadorias por aquela de bens e serviços não mercantis, de bens produzidos intensivamente e a grande escala e transportadas sobre distâncias longas por outros bens produzidos em pequena escala a distâncias curtas, altos consumos de energia por baixos consumos de energia, da construção de obras novas que invadem o território pela reutilização e transformação de obras já existentes.

Este programa, que se concentra sobre o consumo, não é infelizmente um programa de ultrapassagem do capitalismo.

⁴ Para quem vive na França.

⁵ *Train à Grand Vitesse* em francês, *Treno de Alta Velocità* em italiano.

A primeira reivindicação poderia, forçando um pouco, ser inscrita num tal processo, mas também pode ficar confinada na reforma do sistema existente por intermédio de ações para manter e alargar os serviços públicos e também o desenvolvimento duns quantos nichos de produção e de consumo « alternativos ». As outras propostas podem encontrar lugar numa espécie de « alter-capitalismo », mas ainda aí, de maneira bastante limitada. A substituição das velhas lâmpadas pelas lâmpadas a baixo consumo de energia, pouco ou nada desvenda um caminho novo para ultrapassar o capitalismo... Podemos também militar para a realocação da produção, o que não é em si uma má ideia, mas terá que ser à condição de pagar o preço disso. Seja como for não se vê bem como se poderia renunciar aos benefícios da divisão do trabalho assim que da produção em grande série. Bontepelli e Badiale, que preferem usar a teia da internet para fazer conhecer as suas ideias, deveriam saber que sem a divisão mundial do trabalho e sem a produção em grande escala nunca poderiam escrever as teses deles em « html ». Podemos guardar da técnica unicamente o que nos interessa. O problema está em que a técnica moderna forma um sistema no qual todos os elementos são interdependentes. Enfim, sempre se pode dizer « Stop, para nós agora chegou » ... à condição de se estar nesses cantos do mundo e nessas classes sociais que possuem um nível de conforto material bem estabelecido. Parar o desenvolvimento econômico me parece uma teoria difícil de ir pregar aos bilhões de seres humanos a quem falta o essencial. Qual a razão deste afastamento entre as intenções de Bontepelli e Badiale e as suas propostas? Muito simplesmente porque tomando posição no terreno da luta contra o crescimento econômico toma-se posição sobre o próprio terreno do capital. O decrescimento econômico, assim que o anticapitalismo não é mais que uma ideia de segunda grandeza que não se define pelo seu próprio movimento mas unicamente pelo que combate. Por outro lado ela não oferece nenhum ideal verdadeiramente mobilizador senão se de inclinar sobre o que já existe, e isso mesmo para todos aqueles que encontram nessa existência atual, motivos de satisfação amplamente suficientes.

A contradição fundamental do capitalismo exprime-se pelo abismo escancarado que se abriu cada vez mais entre as possibilidades concedidas pela acumulação histórica dos saberes, das riquezas, dos meios técnicos, dum lado, e do outro a necessidade para a imensa maioria da humanidade, de recomeçar cada dia uma vida precária, submetida a um trabalho mergulhado na alienação na exploração. Para encontrar 400 milhões de dólares para ajudar as vítimas das inundações no Paquistão, a ONU tem que implorar enquanto que, ao mesmo tempo se arranjou em poucos dias bilhões e bilhões de dólares necessários para evitar que o sistema financeiro mundial se afunde.

Em vez de se ficar fechado numa ideologia do decrescimento econômico inapta por definição a conquistar os espíritos de grandes massas, é preferível pegar as coisas à raiz, quer dizer no movimento imanente do capital e das possibilidades que abre a sua crise. Numa sociedade desembaraçada do domínio do capital – quer dizer numa sociedade na qual os homens não serão mais submetidos ao domínio cego das suas próprias exchanges – o progresso técnico e o desenvolvimento serão utilizados para economizar as riquezas naturais e sociais, e reduzir massivamente o tempo de trabalho. É isso o que, a mim me

parece ser, uma perspectiva um bocado mais mobilizadora que o decrescimento econômico.